



ALINE XAVIER E HAROON GUNN-SALIE. PROFECIA (JEREMIAS) – DA SÉRIE AGRIDOCE, ESCULTURA EM POLIURETANO, 2017. CORTESIA MARTA MORIARTY.

ROTA DE FUGA DE VIDAS ROMPIDAS: A COMUNIDADE SOCORRO E AS PAISAGENS DESTROÇADAS DOS SEUS ARREDORES, BARÃO DE COCAIS (MG)

JANISE BRUNO DIAS*

LUIZA MAGALHÃES DE ALMEIDA E ANDRADE*

RESUMO Apresentamos uma experiência da disciplina “Estudos da paisagem em Geografia” do curso de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, cujo objetivo foi escavar as paisagens “destroçadas” de comunidades evacuadas, como Socorro (Barão de Cocais/MG), localizada a jusante da barragem de rejeito da Vale e condenada pelos órgãos fiscalizadores. Trabalhando a geopoética através da vivência experienciada pelos estudantes, desnudamos os lugares “usurpados” dos seus moradores. A mineradora adotou uma postura dita preventiva, depois dos dois desastres do rompimento das barragens de Fundão (2015) e do Córrego do Feijão (2019), que levou à evacuação de muitas comunidades, no meio da madrugada, sem direito a voltar ou resgatar nada. Veem-se agora por ali placas: “Rota de fuga”. Pra quem? E para onde?

PALAVRAS-CHAVE paisagens; rota de fuga; Socorro (Barão de Cocais)

ESCAPE ROUTE FROM BROKEN LIVES: THE SOCORRO COMMUNITY AND THE SHATTERED LANDSCAPES OF ITS SURROUNDINGS, BARÃO DE COCAIS (MG)

ABSTRACT The proposal is to present an experience of the discipline “Estudos da paisagem em Geografia”, in the Geography course at Universidade Federal de Minas Gerais, which had the goal of excavating the “shattered” landscapes of evacuated communities such as Socorro (Barão de Cocais, Minas Gerais, Brazil) located downstream of the Vale tailings dam, condemned by the inspection agencies. Working on geopoetics through the perception experienced by students, we bare the places “usurped” from their residents. The mining company adopted a so-called preventive posture, after the disasters of the Fundão dam rupture (2015) and the Córrego do Feijão (2019), that led to the evacuation of many communities, in the middle of the night, without the right to return or rescue anything. You can now see signs there: “Escape route”. For whom? And to where?

KEYWORDS landscape; escape route; Socorro (Barão de Cocais).

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

1. Introdução

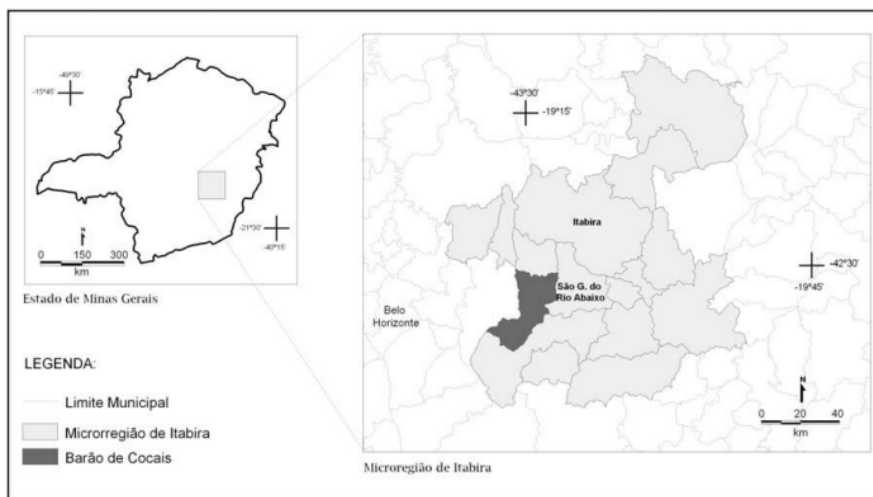
¹ Aqui adotamos desterritorialização no sentido que nos expõe Haesbaert (2003, p. 18) “uma desterritorialização como perda do acesso à terra – terra vista não só no seu papel de reprodução material num sentido físico (como na principal bandeira do movimento dos agricultores sem-terra), mas também como locus de apropriação simbólica. Pode-se relacionar a essa noção de desterritorialização a concepção mais Integradora de território, ao mesmo tempo espaço de apropriação/ reprodução concreta e simbólica”.

² Em Minas Gerais, 42 barragens foram construídas com alteamento a montante e, do total, 30 têm “alto dano potencial associado”. Isso significa que podem provocar desastres em caso de rompimento, segundo dados da Agência Nacional de Mineração (ANM) (MARIANO; DAMÁZIO, 2019).

Este trabalho tem por objetivo apresentar as “paisagens destroçadas” que assombram o Alto Rio Doce e o Alto Rio Paraopeba na Região Metropolitana de Belo Horizonte, na porção conhecida como Quadrilátero Ferrífero. Desde novembro de 2015, a partir do desastre da barragem do Fundão na mina da Samarco, em Mariana, cidades inteiras e várias comunidades rurais – entre elas quilombolas, indígenas e acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) – vivenciam desamparadas um processo de desterritorialização ¹ imposto pelas empresas mineradoras que atuam na região e com a conivência dos órgãos de Estado (LASCHEFSKI, 2019). Essa condição se impõe sob o pretexto da iminência de rompimentos de 30 barragens, ² classificadas pela Agência Nacional das Águas (ANA, 2018) como de *alto dano potencial associado* após o desastre da Barragem I (VALE S.A. [s.d.]), da empresa Vale, na mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho, em 25 de janeiro de 2019, que ceifou pelo menos 270 vidas humanas. Muitas dessas pessoas tiveram seu lugar de vida “usurpado” pelo sinal de uma sirene; outras foram expropriadas de suas terras com um mandato judicial para execução de obra “emergenciais”. Os atingidos e os movimentos sociais que os apoiam, e ainda acadêmicos e especialistas, indagam se não é uma nova estratégia das empresas mineradoras que se aproveitam da situação para se apropriar de áreas para seus futuros projetos e que tinham nessas comunidades rurais metropolitanas um obstáculo ao avanço da frente minerária (SOUZA, 2019a).

Nesse estudo, apresentamos a paisagem, aqui tratada como uma essência geográfica, dos arredores de Socorro, comunidade do município de Barão de Cocais (MG) (Figuras 1 e 2), evacuada na noite de 8 de fevereiro por causa do iminente risco de rompimento da cava da mina do Gongo Soco, localizada a montante da vila.

Figura 1 - Localização do município de Barão de Cocais (MG)



Fonte: Alves; Diniz (2008)

Trata-se do resultado da experiência de imersão de alguns estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) naquele espaço proposta durante uma disciplina do curso de Geografia.³ Os alunos acolheram o desafio de, por meio de uma interlocução com autores humanistas e outras linguagens geográficas, dar voz às falas caladas pela opressão da minério-dependência⁴ neste “lugar usurpado”, nos arredores da comunidade foco do estudo. Partindo da questão “o que é a paisagem para mim?”, e, depois, desvelando “que lugar é esse para mim?” – sendo “lugar” também considerado uma essência geográfica – fazem uma travessia da paisagem ao lugar. Nesse processo, os alunos se esforçaram para escavar o lugar de vida, afetos, relações e expressão da cultura local dos afetados pelo rompimento iminente. A partir da escolha de um caminho de expressão, apresentaram essa paisagem que intitularam “Rota de fuga”, numa menção às placas de avisos. Os estudantes também tiveram o propósito de resgatar as comunidades de Socorro, André do Mato Dentro e Cruz dos Peixotos (Figura 2) como esse lugar de “fuga” para seus moradores. Resgatar para o lugar de acolhimento e contato com uma natureza estonteante. Essa paisagem foi revelada por meio dos relatos de campo dos estudantes e do processo de construção do projeto, elaborado por cada um.

3 A disciplina optativa de Estudos da paisagem em Geografia foi ofertada no 2º semestre de 2019, pelo curso de Geografia da UFMG, atrelada à proposta de ação de extensão do projeto da Geografia/IGC/UFMG que atua na região de André do Mato Dentro. Essa comunidade rural, cuja área pertence ao município de Santa Bárbara, assim como a comunidade de Cruz dos Peixotos, é adjacente à comunidade evacuada de Socorro e separada desta por poucos quilômetros e alguns morros que a protegem do rompimento da mina de Congo Soco. A comunidade tem sido o “lugar” de atuação do projeto de extensão, coordenado pela Profa. Janise Bruno Dias, desde 2011.

4 Por “minério-dependência” assumimos “enquanto situação na qual, devido à especialização da estrutura produtiva de um município, região ou país na extração de minerais, os rumos da estrutura local são definidos em centros decisórios externos. Obviamente, se trata também de uma relação entre classes sociais localizadas em diferentes locais. Esta relação de subordinação faz com que as decisões sobre o que ocorrerá na estrutura produtiva local sejam tomadas em centros políticos externos, sejam eles empresas multinacionais mineradoras e/ou

preço de possuir, como resultado de uma dinâmica geológica-geomorfológica, ambientes singulares e ricos geoeconomicamente, mas também biodiversos e de imensurável qualidade hídrica. Não poderia ser de outra forma, são resultantes de processos naturais que favoreceram nosso território com imensa riqueza.

No entanto, a ganância dos poderosos, as corporações de grandes empresas e de gestores que se deixam cooptar por taxas de *royalties* geradas por ricas *commodities* nos têm exposto à insegurança de processos de licenciamentos ambientais, manipulados e cheios de vícios. A situação chegou a tal ponto que as empresas interessadas em nosso minério conseguiram aparelhar o Estado com o objetivo de aprovar leis e normas a favor da liberdade de minerar o nosso território.

A partir da pressão desses parceiros, cargos estratégicos do setor de licenciamento também foram ocupados por representantes interessados em manter os processos. Consolidou-se inclusive uma estrutura organizacional do governo para facilitar os processos de licenciamento de interesse prioritário das empresas mineradoras e do Estado, sedento em receber seus *royalties* (SOUZA, 2019b).

Mas as consequências para a população mineira começaram a surgir. Foram vários desastres, dentre os mais graves destacam-se os rompimentos de barragens em Itabirito, em 1986 (seis mortos) e em 2014 (três mortos); em Nova Lima, em 2001 (cinco mortos); e em Congonhas, em 2008 (40 famílias desalojadas) (OLIVEIRA, 2015). Nem diante do assombro de centenas de mortes humanas e do destroçamento da vida essas empresas e seus investidores invisíveis se intimidaram: apenas mudaram as estratégias de esvaziamento do espaço que cobiçam. Agora, as comunidades rurais⁵ que ocupam a região do Quadrilátero Ferrífero estão efetivamente sendo expulsas de suas casas, sobre pânico de uma sirene que não quer calar. Têm seus lugares usurpados, suas vidas rompidas, ameaçadas por barragens, negligenciadas em seu processo de alteamto pelos detentores de sua propriedade, mas também por gestores que fecham os olhos a processos de consultorias, relegados ao sabor dos interesses das mineradoras que financiam a sua inspeção de segurança. Essa população expulsa se torna órfã – “atingidos sem rompimentos” – são, não sabe dos direitos que tem e não pode recorrer à tutela do Estado – Ministério Público, Defesa civil, ou mesmo órgãos de prefeituras locais –, que não quer assumir um risco que julgam maior, o de perder mais vidas, argumento apresentado pelas empresas para a evacuação das comunidades.

⁵ Desde fevereiro de 2019 foram evacuados: o condomínio de luxo Solar da Lagoa e do vilarejo Rio do Peixe, na zona rural de Nova Lima; moradores de Miguel Burnier e Pires, em Ouro Preto; povoados de Socorro, Tabuleiro e Piteiras, em Barão de Cocais e Pinheiros, em Itatiaiuçu, municípios da região Central do Estado. E ainda os moradores do povoado de Macacos, distrito de Nova Lima (MARIANO; DAMÁZIO, 2019).

6 ““Reféns da lama’ cobram moradia definitiva à Vale [...] grupo de 321 famílias que, desde fevereiro, foram evacuadas de áreas que podem ser atingidas pela lama caso reservatórios da mineradora Vale entrem em colapso em Nova Lima e em Barão de Cocais, na região Central. Outras 185 pessoas também tiveram que sair de imóveis perto da estrutura de propriedade da ArcelorMittal, em Itatiaiuçu, a 58 quilômetros da capital” (GALDINO, 2019).

7 Em 7 de fevereiro de 2019, [...] “a situação de emergência em relação à Barragem Sul Superior foi formalizada pela Vale no Sistema Integrado de Gestão de Segurança de Barragens de Mineração (SIGBM), que é gerenciado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) [...] O MPMG recebeu e-mail da ANM, em 07/02/2019, comunicando que foi acionado o Nível 1 do Plano de Ação de Emergência de Barragens de Mineração (PAEBM) e que os fatores de segurança em condições não drenadas da barragem, encontrados pela empresa de auditoria externa (Walm), estavam em valores muito baixos (1,2 a 1,1, de acordo com a análise de sensibilidade), indicando risco significativo de ruptura” (CENTRO..., 2019, p. 8).

Esse é o caso do município de Barão de Cocais, localizado no Quadrilátero Ferrífero, onde a população⁶ está vivendo em estado de alerta máximo desde 8 de fevereiro de 2019 quando um documento da empresa Vale,⁷ acessado pelo Ministério Público, relatou que a empresa identificou a existência de uma deformação no talude norte da mina, plano de terreno inclinado que limita uma área para garantir sua estabilidade, e, caso ele se rompesse, poderia comprometer a estrutura da barragem Sul Superior em Gongo Soco, localizada a 1,5 km de distância, e ocasionar a ruptura. No mês de fevereiro, 400 pessoas que moravam na chamada Zona de Auto Salvamento (ZAS) da barragem – comunidades de Piteiras, Socorro, Tabuleiro e Vila do Gongo – foram evacuadas. No mês de março, o nível de alerta dessa mesma barragem, que possui 85 metros de altura e 5 milhões de m³ de rejeitos, subiu para nível 3 de risco de alto dano potencial de rompimento (SUDRÉ, 2019). Segundo Pablo Dias, da coordenação nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), mais de 6 mil moradores do município de Barão dos Cocais poderão ser atingidos caso haja uma ruptura na mina Gongo Soco (SUDRÉ, 2019).

Socorro, uma das comunidades evacuadas, é um lugar que marca a origem da cidade de Barão de Cocais. A Igreja Nossa Senhora Mãe Augusta do Socorro na localidade rural, tombada como patrimônio municipal, é de 1737 e remete ao primeiro ciclo do ouro, com a chegada dos primeiros bandeirantes na região. Essa comunidade é um exemplo simbólico do “esfacelamento” do lugar, do “rompimento de vidas” deixado pela evacuação forçada e também das paisagens “destroçadas” por esse processo de usurpação. A tradicional festa de Nossa Senhora Mãe Augusta do Socorro, em agosto de 2019, aconteceu nos arredores do povoado de Socorro, próximo da localidade Cruz de Peixoto. Nesse local, na beira da estrada, de frente ao lugarejo desolado e deserto, concentraram-se os moradores do povoado de Socorro e arredores que foram até lá para venerar a padroeira do “lugar”, no dia 18 de agosto junto à presença da imagem bicentenária de Nossa Senhora, trazida de Portugal em 1752. O portal de turismo da Prefeitura Municipal de Barão de Cocais noticiou:

O último domingo (18) foi de emoção, fé e resgate do orgulho de uma comunidade. Próximo ao Socorro, evacuada há mais de seis meses, os moradores se uniram para a realização da sua mais tradicional celebração: a Festa de Nossa Senhora Mãe Augusta do Socorro. Incluiu missas, procissão e apresentações musicais, os momentos religiosos se sobressaíram ao demonstrarem a força daqueles que, hoje fora de suas residências, permanecem

unidos por uma identidade cultural de quase 300 anos. O ápice da festa foi a tradicional Cavahada, com sua representação da reconquista da Península Ibérica pelos cristãos no século XV, após o enfrentamento com os mouros. [...] “Lutamos muito, junto com os moradores, para que a Festa pudesse ser realizada próximo ao local com o qual todos eles possuem uma relação tão profunda”, fala do secretário de turismo, “era essencial garantir o sentimento de pertencimento daquela comunidade, além de respeitar as características que fazem parte da identidade da celebração” (PREFEITURA MUNICIPAL DE BARÃO DE COCAIS, 2019, grifos nossos).

A empresa mineradora Vale, responsável pela evacuação, devido à sua negligência em fiscalizar suas barragens durante anos, o que pode ter, teoricamente, como consequência um iminente rompimento da barragem Sul da mina de Gongo Soco, noticia em seu site que a “Vale apoia festa de Nossa Senhora Mãe Augusta de Socorro” e ainda que patrocinou toda a estrutura material da festa (VALE, 2019). Mas será que o apoio material pode amenizar a sensação de “refêns” e de “órfãos” das pessoas que tiveram que olhar de longe a igreja centenária, as ruas e suas casas?

O capital financeiro retirando vantagem de momentos críticos. Nesse caso, apropriando-se de áreas de antigo interesse minerário, cuja ocupação por pequenas comunidades rurais é um obstáculo. Para isso, utilizam da guerra do pânico e dos rastros de possíveis rompimentos para criar artificios a fim de ampliar seus territórios. Sob o pretexto de proteger populações na Zona Secundária de Segurança (ZSS) e por meio de instrumentos jurídicos – mandato judicial - legitimados pelo Estado omissivo, inventaram mega projetos emergenciais para contenção de uma “possível” avalanche de lama e destroem irreparavelmente áreas de proteção permanente, cursos de água classe especial, fragmentos de floresta estacional semidecidual – Mata Atlântica – em estágio avançado de sucessão ecológica, e o mais grave, apossam-se de terras de agricultores que ali estão há dezenas de anos e das quais tiram o seu sustento. Moradores das comunidade-irmãs⁸ de Socorro, em Cruz dos Peixotos e André do Mato Dentro, narram que são agricultores que nasceram e foram criados ali,

colhe o próprio café, planta milho e cuida de dezenas de gatos e cães, além de poucas cabeças de gado, dizem que [...] o dia a dia que era pacato enfrenta, agora, o vai e vem dos caminhões, tratores e máquinas que aos poucos avançam em uma mata vizinha. Sentem-se desamparados e se queixam do mandado judicial que permitiu que máquinas e operários iniciassem trabalhos em propriedades particulares da região. [...] Uma preocupação diz

⁸ “Comunidades-irmãs” é um termo que expressa os laços entre as três comunidades e outras próximas. São laços não só de parentesco, mas de amizade, práticas comuns, compadrio, traços culturais e festas. A própria associação de moradores da comunidade de André do Mato e Arredores apresenta em seu nome a importância desses laços.

⁹ Em dezembro de 2019, a mineradora Vale paralisou parte da obra para conter rejeitos em Barão de Cocais (MG) e alegou inviabilidade técnica na construção de uma barreira no caso de rompimento de barragem (RONAN, 2019).

respeito ao Rio Santa Bárbara – afluente do Rio São João - e ao Parque Nacional da Serra do Gandarela, administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Moradores afirmam que houve um grande desmatamento na área – área de preservação permanente – que coloca em risco de contaminação o manancial [...]. Um dos moradores vizinho ao canteiro de obra da Vale relata que, apesar de não ter sido afetado diretamente, foi atingido porque perdeu os amigos de Socorro, não consegue mais vender os poucos produtos que tira da sua propriedade e ainda, como a comunidade é pequena, não consegue mobilizar as pessoas para reclamar o desamparo (RONAN, 2019).⁹

Quem arcará com o passivo ambiental causado pela obra inacabada? Os impactos ambientais e sociais são irreparáveis e irreversíveis.

Que paisagem é essa que emerge nesse espaço de territórios sobrepostos constantemente por forças do capital financeiro representado pelas empresas mineradoras? Esse cenário que nos deixa estarecidos, comove-nos quando, entre serras e fragmentos conservados de Mata Atlântica, deparamo-nos com águas cristalinas, vertendo de dentro da mata e pequenos povoados escondidos, contrastados logo em seguida com a paisagem devastadora da mineração. Onde se esconde o “lugar” nesses confins que guarda relações, afetos e cultura? O que distancia a “paisagem” do “lugar”? Como essas essências emergem para aqueles que vivem na distante “comodidade” da metrópole? Como escavar esse processo de desterritorialização para que emerjam no emaranhado do espaço metropolitano? É aí, nesse espaço de embates em que também o rural e o urbano se entrelaçam, que fizemos a travessia da paisagem ao lugar.

3. A travessia da paisagem ao lugar

Geografia são muitas... Os olhares geográficos são diversos, como são diversas as pessoas e diversas suas experiências. Como um casarão com diversas janelas... O tempo e o espaço tornam diversas as formas de ver e, a cada janela que se abre, a “paisagem” é diferente. É a mesma paisagem vista por ângulos e olhares distintos. Assim é a geografia ou as geografias. A Geografia Humanista é uma dessas janelas. Aqui, propomo-nos a estudar a paisagem através do “olhar da Geografia Humanista”. Que geografia é essa? Dardel (2011) nos convida a pensar: “A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado

à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (p. 33). A partir desse pensar da Geografia, que não assinala uma indiferença, um distanciamento ou um isolamento do fenômeno geográfico, ela só vai tratar daquilo que nos importa, nos interessa, da nossa inquietação.

A ciência geográfica não é um pré-conhecimento. Assim a “realidade geográfica” (DARDEL, 2011) é o “lugar” – trataremos dessa essência geográfica mais adiante – em que está o homem, os seus lugares de infância, o ambiente que atrai sua presença, onde ele pisa ou trabalha, o horizonte do seu cotidiano. Sua objetividade se estabelece em uma subjetividade que exige uma adesão total do sujeito (do ser) – sua vida afetiva, seu corpo, seus hábitos. A tonalidade afetiva não requer uma Geografia de romantismo da terra, mas reafirma a Geografia que ali permanece, “habitualmente, discreta, mais vivida que exprimida” (DARDEL, 2011, p. 34). A realidade geográfica nos permite propor questionamentos.

Movimento, combate, acontecimento, todo esse dinamismo deixa-se adivinhar no espaço da Terra. [...] Temporalização de nosso ambiente terrestre, espacialização de nossa finitude, a Geografia se dirige, além do saber e da inteligência, ao próprio homem como pessoa sujeito [...] não como “mestre interventor” inconsciente, na sua experiência geográfica (DARDEL, 2011, p.39).

Eric Dardel, um dos precursores da Geografia Humanista, nos provoca a pensar a Geografia como um envolvimento do ser (sujeito) com a Terra e nos instiga a pensar o que se revela dessa relação, com suas emoções, com seu sofrimento, sua abstração e sua concretude. A espacialidade e a temporalidade, enfim, tudo que aflora em “geograficidade” nessa relação, termo com o qual a define.

O autor nos incita a refletir: se “A geografia não é [...] uma maneira de sermos invadidos pela Terra, pelo mar, pela distância, [...] conduzidos em uma direção, atualizados pela “paisagem” como presença da Terra?” (DARDEL, 2011, p. 39).

“O que é a paisagem para mim?” Jamais paramos para refletir. Uma simples caminhada e o registro fotográfico de algo, uma noção do que seja a paisagem pode nos conduzir a pensar o que está na “essência” do vocábulo. Um sentimento, uma memória, uma imagem, uma conjugação de formas, a experiência, a vida, o mundo...

A noção de “paisagem” se apresenta como “percepção” da “expressão” de alguma dimensão. Linguagem comum que depende de quem ela é vista, o olhar do sujeito.

10 Bertrand (1972 *apud* DIAS, 2006) se refere a “interfície” entre a sociedade e a natureza como sugerindo que as fâcies, as dimensões (naturais, sociais, culturais) da paisagem se interagem para formar o conjunto paisagem. Aqui decidimos reproduzir o vocábulo proposto pelo autor francês para dar ênfase ao movimento da formação da paisagem.

Percebe-se na maior parte das definições uma visão subjetiva da paisagem, sempre associada a sua acepção pictórica.

O que se observa na evolução da noção de “paisagem” é que esta se situa na “interfície”¹⁰ da natureza e da sociedade. Ao final do século XIX, vislumbra-se um contexto favorável ao surgimento do interesse científico pelo termo “paisagem” no ocidente. A “Ciência da paisagem” recebe a contribuição e é apropriada por diferentes disciplinas, a Agronomia, a Arquitetura, as Artes, a Engenharia, a Geografia, a Ecologia da Paisagem e outras. Seu caráter polissêmico e “proteíforme”, parafraseando Wieber (1995 *apud* DIAS, 2006 p. 78), e sua transversalidade, possibilitam essa aproximação.

A paisagem é um espetáculo. Paisagem é uma palavra proteíforme, um pouco mágica, no discurso geográfico e naquele de muitas pessoas. Ela serve, portanto, de suporte neutro aos adjetivos que somente esclarecem do que ela é questão (paisagem rural, vegetal, urbana, política, etc.). Ela envolve também de maneira imprecisa, os estudos mais complexos e mais seguros, a respeito das combinações ecológicas ou culturais onde os efeitos se inscrevem de maneira sensível no espaço (WIEBER, 1995 p. 182 *apud* DIAS, 2006 p. 78).

A preocupação com a paisagem permaneceu mais implícita do que claramente expressa até o fim do século XIX. Dos conceitos de paisagem em Geografia, há consenso de que existe uma relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos; e de que não é apenas um fenômeno natural, mas inclui a existência humana. A paisagem existe enquanto presença do homem. O conceito de paisagem na Geografia brasileira foi construído sob a influência das escolas francesa, alemã e, anglo-saxônica. A paisagem se apresenta nesses estudos como: meio ambiente, ambiente natural, unidade espacial, unidade visual; podendo ser definida por meio das feições do uso dos solos. É produto: paisagem urbana, rural, degradada ou natural; unidades territoriais e/ou espaciais – municípios; parques e bacias hidrográficas. As propostas da Geografia no conceito de paisagem se concretizam nos Estudos Integrados usados no planejamento e na gestão dos espaços e territórios, a exemplo do Zoneamento Ecológico Econômico (ZEE).¹¹

Meinig (2003), em seu texto “O olho que observa: dez versões da mesma cena”, apresenta as diversas versões para a paisagem. Segundo o autor, “há aqueles que observam a cena variada e consideram a paisagem como natureza, como habitat, como artefato, como sistema, como problema, como riqueza, como ideologia, como

11 Informação verbal da professora Janise Bruno Dias, em aula da disciplina de Geografia, no IGC da UFMG, em 21 ago. 2019.

história, como lugar, como estética” (MEINIG, 2003, p. 36). Para cada uma das formas de apropriação da cena temos uma possibilidade de estudá-la. Nessa concepção, não há espaço para dicotomias da paisagem, ela existe enquanto essência, singular, que revela a realidade geográfica expressa na geograficidade de Dardel (2011, p. 1). As vivências¹² que são experienciadas sem amarras, nem pré-conceitos, podem produzir resultados inesperados e surpreendentes.

Esse ensaio de campo foi conduzido pela reflexão sobre este fazer geográfico: a Geopoética. Em uma disciplina que foi feita uma experiência de imersão em André do Mato Dentro, comunidade rural de Santa Bárbara, vizinha a Socorro – comunidade evacuada de Barão de Cocais, teve o intuito de ser o ápice da nossa experiência de mergulhar na paisagem e deixar aflorar em cada um a experiência do lugar. O desafio foi que os estudantes assumissem o “corpo-lugar”, assim como cita De Paula, “meu corpo não é apenas um objeto entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores...” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 317 apud DE PAULA, 2015, p. 60). Nessa experiência proposta, o objetivo foi deixar fluir o “lugar” de vida de comunidades inteiras capturado pela mineradora Vale através das paisagens “destroçadas” e de forma a provocar um “acontecimento geopoético” (DE PAULA, 2015) e um terremoto das nossas “tonalidades afetivas”, deixar aflorar nesse encontro o lugar de cada qual dos estudantes.

A disciplina “Estudos da paisagem em Geografia” pretendeu desbravar a paisagem, como ela se revela a partir da relação que se estabelece entre o “ser” humano e a terra, mostrando essa essência pelos olhares da Geografia e explorando também sua interdisciplinaridade. A disciplina recebeu alunos de diferentes áreas do conhecimento: Geografia, Arquitetura e Urbanismo e Belas Artes. Favorecendo as perspectivas e os olhares sobre a paisagem.

A primeira atividade desenvolvida na disciplina teve o intuito de desvendar o que é a paisagem para cada um. O texto “A Paisagem e Existência e Realidade Geográfica”, de Éric Dardel (2011), introduziu o conceito. Foi solicitado que os alunos buscassem tirar uma foto de algum local que aparecesse para eles como uma paisagem revelada. O resultado foi diverso: fotos da vista de suas casas, da faculdade ou de um outro “lugar” que refletia uma relação afetiva.

12 Aqui entendemos vivências como os momentos vividos que nos levam a agregar à experiência do mundo da vida; são o experimentar a realidade geográfica. Como geram experiência, utilizamos o verbo experimentar.

A estudante de arquitetura escolheu a paisagem que a acompanha diariamente no seu trajeto mais recorrente para a Escola de Arquitetura e Design (EAD/UFMG). De uma maneira prática, escolheu algo ordinário e que a levou a refletir sobre sua escolha. Reparou que a Escola de Arquitetura saltava aos seus olhos por ser o foco do seu caminhar pelas ruas (familiaridade). Na tentativa de refletir sobre a paisagem por um olhar de um estranho (distanciamento), percebeu que o prédio se esconde, quase imperceptível, atrás de árvores largas e altas. No seu texto, a aluna expressou como a paisagem escolhida depende da afetividade que acompanha a direção do olhar e, portanto, deixando-se revelar Dardel, “retire de sua banalidade, como uma redescoberta que revaloriza todas as aparências” (2011, p. 36). Ao tentar construir um olhar questionador, a aluna conseguiu reparar na diversidade de olhares que se pode ter a partir de uma mesma foto.

A aluna de Belas Artes desbravou a ideia da paisagem como sendo tudo que nos rodeia, não somente pela visão, mas também pelos outros sentidos.

Segundos após a saída do útero os olhos se abrem em paisagem. A formação das paredes, o encontro dos azulejos brancos, a sutil mudança de tons cinzentos indica profundidade. Tudo é paisagem. A primeira floresta são os cabelos vermelhos de minha mãe, tão quentes e vivos que me aqueciam o olhar enquanto o corpo sentia o frio do fim de maio.

O descanso dos olhos do meu pai é a vista da janela da sala: infinitas plantações de café e a ponta corroída da Pedreira Santo Antônio pertencem à nossa casa desde 1985.

A formulação de minha paisagem é carregada de sentimento e memória, e possui relação direta à elaboração escrita de Dardel, o qual indica que: “a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social” (DARDEL, 2011, p. 32).

Por ser do campo das artes, em seu texto sobre a paisagem, ela foca o seu olhar na ideia de cor e iluminação que Dardel traz em seu texto: “a cor se torna a cor do mundo, revela a substância das coisas, num acordo fundamental da nossa existência com o mundo” (DARDEL, 2011, p. 38).

Ao responder a pergunta do que é paisagem para ela, a aluna diz:

A paisagem para esta estudante de Artes Visuais é o resgate daquilo que não é apenas memória, e sim, desejo. O desejo de guardar na retina, o desejo de permanência em cada terreno. É sobre redescobrir-me no espaço, é estar presente e ausente em uma oscilação constante. O desejo de entender o motivo pelo qual a cor verde me agrada tanto, ou sobre o porquê gostar de marrom e de luzes amarelas, sobre o remeter à minha terra.

Para essa aluna em particular, a importância dos elementos artísticos é fundamental, sendo essa a sua especialidade, digamos assim. Entendendo sempre a paisagem como a construção de um quadro composto por inúmeros detalhes e cores, “muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos” (DARDEL, 2011, p. 30).

Na continuidade da reflexão sobre a construção da paisagem e sua apresentação, fomos a uma exposição de fotos do mineiro José Luiz Pederneiras, *O outro lado da montanha*.¹³ A discussão foi conduzida para o processo de construir a paisagem, como ela é produzida e apresentada para o outro; no caso específico da exposição, como o fotógrafo, a partir de seu olhar, mostrou Minas Gerais por meio dessas paisagens. Para acompanhar a exposição, foi proposta a leitura do texto: “Humanismo e arte”, de Eduardo Marandola Júnior (2010). Esse autor nos revela uma importante reflexão sobre a paisagem, como ela é construída de maneira subjetiva, “pois cada um de nós possui experiências e conhecimentos individuais, que constituem verdadeiros microcosmo” (MARANDOLA JÚNIOR, 2010, p. 11). Mas cada um vivencia singularmente e subjetivamente a obra, por isso, como a obra se revela ao Ser, pode não expressar como ela foi concebida pelo seu autor.

A discussão após a visita à exposição foi muito rica, e tecemos questionamentos da maneira que cada um representaria Minas Gerais e a presença da mineração. Como Marandola Júnior pontua, “nossas paisagens interiores. Somos nós que temos de nos refazer, incorporando [...] verdades tão concretas quanto a solidez aparente de nossos números, fórmulas e modelos” (2010, p. 21). Entender que a paisagem vai além do exato, da matemática, vai a um humanismo que varia de um a outro e se chocam e se complementam. Precisamos “reaprender a contemplar, com olhar lírico, as paisagens e os lugares” (MARANDOLA JÚNIOR, 2010, p. 22).

13 “Segundo o artista, as imagens mostram as mudanças nos cenários de Minas Gerais, em função da mineração. ‘As fotos são um estudo sobre a transformação da paisagem, uma nova imagem do quadrilátero ferrífero que está surgindo de forma rápida e silenciosa. Tenho grande admiração por Carlos Drummond de Andrade, e o poema *A montanha pulverizada*, que fala sobre a extração de minério de ferro, é uma referência para o trabalho’, afirma Pederneiras” (CENTRO CULTURAL MINAS TÊNIS CLUBE, 2019).

Prosseguindo com a ideia da construção da paisagem, das suas famosas curvas e ondulações, procuramos a Geopoética, e, para uma reflexão experiencial, fomos ao Parque Municipal da Serra do Curral, próximo da Praça do Papa, em Belo Horizonte. O percurso iniciou-se na entrada do Parque e subimos, parando em alguns pontos de onde poderíamos contemplar a cidade de BH e além. Vários assuntos se revelaram ao longo da travessia. Discutimos os elementos da paisagem, sobre a utilização do espaço na “grande” capital e, como não poderia fugir aos nossos olhares, a mineração que conseguimos ver claramente. Para nos guiar nessa travessia e ir relacionando a paisagem que se mostrava aos nossos olhos, a leitura do texto “Sobre Geopoéticas e a Condição Corpo-terra”, da geógrafa Fernanda Cristina De Paula (2015), foi o nosso norte.

Em seu texto, a autora fala de “acontecimentos geopoéticos” e nos pergunta se já o vivenciamos. Podemos dizer que nessa travessia tivemos essa vivência. Para explicar o que são esses momentos, De Paula (2015, p. 51) diz:

me isolava, procurava um lugar para sentar e quedava, quieta, percorrendo os olhos pelo horizonte muito longe, muito amplo, variando a postura do olhar entre focar pequenos detalhes ou fazê-lo viver na imensidão (nas tendências, nas discrepâncias do conjunto). Algumas vezes, sem aviso, me ocorria algo. [...] Eu saía ensimesmada dessas ocasiões; com o tempo, soube, que para manejar essa inquietação, a única saída possível era escrever (de forma literária) sobre ela. Chamo, momentos como esses, de *acontecimentos geopoéticos*.

Nos relatos, foi possível perceber como os alunos se sentiram nesses acontecimentos geopoéticos. A aluna de Belas Artes começou seu relato com um questionamento paradoxal: “se todos os homens pudessem ver o mundo do alto não seriam tão arrogantes... Ou seriam mais gananciosos?”. Ao se encontrar na vista da Serra, pôde contemplar a imensidão do mundo que pode nos mostrar tanto a nossa pequenez, que nos coloca em nosso devido lugar, quanto pode nos lançar a infinitas possibilidades que se abrem e agarrar o mundo, “com certeza e inconsequência”, palavras da aluna.

Por outro lado, a aluna da Arquitetura relembrou a exposição de fotografias *O outro lado da montanha*, fazendo a comparação entre as imagens que, segundo ela, “retratavam a mineração de uma maneira muito harmônica, até bonita, graças ao tratamento digital dado às fotos”, mas na Serra “essa máscara desaparecia”. O sentimento de frustração a atingiu e seu relato possui um tom de realidade e de inquietação. Já percorremos, nesse artigo, a diversidade dos olhares geográficos, que são modificados perante cada pessoa e suas experiências, assim como um casarão com diversas janelas.

14 Usamos o termo político-administrativo, mas eles se reconhecem como uma comunidade.

Para sintetizar tudo que foi discutido, foi realizada uma imersão em campo no subdistrito ¹⁴ de André do Mato Dentro, em Santa Bárbara, vizinho à comunidade evacuada de Socorro em Barão de Cocais. Essa comunidade, localizada num fundo de vale, vizinha ao Parque Nacional da Serra do Gandarela, atualmente sofre grandes efeitos da exploração de minério em terrenos da região e vimos que a mineração foi o que mais marcou a viagem. Os estudantes foram orientados a registrar a essência da paisagem – com uma liberdade de linguagens – de todo o momento que os “tocasse”. No retorno, foi proposto um relato da experiência que dialogasse com as reflexões e abordagens que exercitamos até ali. Nesses trabalhos, a paisagem dentro de cada um revelou-se novamente a interdisciplinaridade. É possível encontrar-se novamente com o relevo ondulado de Minas Gerais, a presença fria e angustiante da mineração e a paisagem que se revela a cada um.

Além disso, como consequência desse trabalho, pretendeu-se divulgar essa situação sujeita a catástrofe nessa comunidade e região, bem como as potencialidades naturais e biodiversas, para que mais pessoas conheçam a comunidade, de diferentes maneiras, cada um criando sua própria paisagem.

“Conhecer a região de André do Mato Dentro obrigou-me a encarar e, sobretudo, sentir o que eu era e onde eu estava”, relata-nos a aluna de Belas Artes. Por ser do interior mineiro, especificamente de Varginha (sul de Minas Gerais), a aluna sempre demonstrou a paisagem como uma memória artística que se encontra dentro dela:

A consequência da visita à André é o resgate de minhas raízes, é a retomada de paisagens mentais e fictícias, e assim, resumo meu trabalho à um catálogo de memórias possíveis. [...] A primeira percepção sobre André é a evocação de memórias paisagísticas, sobretudo, advindas da região do Sul de Minas, e dessa forma o trabalho se desenvolve conceitualmente a partir das lembranças trazidas pelo local visitado, e posteriormente relacionado com outros trabalhos já desenvolvidos nessa mesma lógica.

O relato do trabalho dessa aluna se concretizou em apresentações de paisagens, foram feitos desenhos em pastel seco, preto e branco, trazendo “formações que me cercam desde à Serra do Curral até às memórias do sul”. A aluna, ao apresentar a paisagem, mostrou pelo seu olhar a importância da angulação que mostra, “como se estivesse em cima da Serra justamente como estava na travessia” (Figura 3).

Figura 3 - Trabalho da aluna das Belas Artes



Fonte: arquivo pessoal, novembro de 2019

A aluna de Arquitetura adicionou outro entendimento, enquanto a aluna de Belas Artes representou “somente” a paisagem, sem a presença do ser humano ou dela mesma inserida, somente ela como quem enxerga, a arquiteta pontuou:

a paisagem pressupõe a presença do homem, de uma racionalidade para ser entendida, ou seja, o espaço por si só é morfologia e é vegetação, mas não é uma paisagem propriamente dita. Para se tornar paisagem, este ambiente precisa tocar alguém e ser absorvido por esse alguém, somente assim é dado ao espaço, significado, transformando-o em paisagem.

15 Manifestação cultural que acontece anualmente na festa de São Geraldo (padroeiro) na comunidade de André do Mato Dentro e que reúne amazonas de várias comunidades da região, inclusive de Socorro, considerada madrinha da Cavallhada do André. Isso reforça os laços de amizade e compadrio que existem entre as comunidades.

Ao conhecer a comunidade de André de Mato Dentro, o espaço antes desconhecido para essa aluna tornou-se um lugar com relação afetiva e significados. A aluna já mostra um encanto e uma tranquilidade: “num curto espaço de tempo, me causou sensações de muito conforto”. No ensaio da Cavallhada Feminina,¹⁵ uma festa típica, ocorrido no mesmo dia da nossa chegada, pudemos conhecer pessoas da Comunidade de Socorro que, com a iminência de um rompimento da barragem da Mina de Congo Soco, foram evacuadas de forma forçada. Esse encontro deixou em todos os alunos uma estranha indignação ao ver Socorro vazia, uma pequena comunidade com várias casas e até com a presença de uma bela igreja barroca.

Foi nesse momento que, para a aluna de Arquitetura, os elementos começaram a se encaixar e ela começou a pensar o lugar,

o espaço, a morfologia, a vegetação e a localização, todas em harmonia com a dinâmica da população, que utiliza aquele espaço como palco de suas relações sociais, suas tradições e seu cotidiano; e por trás das montanhas a consciência de que algo maior atua por ali, escondido, porém muito poderoso.

Assim como a colega de sala, a aluna se recordou da infância que passou no interior de Minas, “na Serra dos Alves e Cabeça de Boi, logo do outro lado da Serra do Gandarela”. Procurando materializar algo para apresentar no trabalho final, a aluna começou a enxergar paradoxos, ao ver uma comunidade que até então não era conhecida por ela e ao mesmo tempo tocava suas memórias afetivas,

principalmente nessas dualidades: escala social e escala monumental; fatores de interação internos e externos; temporalidades permanentes e temporárias. [...] Em busca de produzir este produto, me vi muitas vezes imaginado André como composto de cenários. [...] Por fim, tomei a decisão que uma maquete de cenários, que funcionasse como um teatro, seria a opção que me proporcionaria todos esses elementos.

A aluna construiu maquetes que demonstraram essas diferentes realidades em um mesmo cenário, as horizontalidades e verticalidades ¹⁶ que se inserem nesse espaço e que, vendo por fora, um olhar “novo”, uma janela que foi aberta, ela conseguiu entender a conjuntura de André e de muitos outros interiores mineiros (Figura 4).

O aluno da Geografia da turma quis mostrar o “seu” André do Mato Dentro, sua

16 O conceito de verticalidades e horizontalidades na produção do espaço proposto por Milton Santos (1999 *apud* DEGRANDI; SILVEIRA, 2013).

Figura 4 - Trabalho da aluna da Arquitetura



Fonte: arquivo pessoal, novembro de 2019

percepção, por meio da fotografia. Diz ele, “de fatos a fotos expostas, juntamente de poesias, esse é o caminho adotado. A ideia é um conjunto de 20-25 fotos que serão fixadas em algum artefato” (Figura 5). Como explica Marandola Júnior: “A arte, assim como a ciência, também brota da relação orgânica do homem com o meio, e por isso é tão importante para a geografia. Nas manifestações artísticas estão inscritas geografias da mesma forma que foram necessárias geografias para concebê-las” (2010, p. 22).

Figura 5 - Trabalho do aluno da Geografia



Fonte: arquivo pessoal, novembro de 2019

Dessa forma, a geografia não considera apenas a natureza, mas toda a relação dos homens com a terra, numa conexão existencial que é, ao mesmo tempo, teórica, prática, afetiva, simbólica, interdisciplinar e que delimita o que é um mundo (DARDEL, 2011). E a arte é uma linguagem que intermedia e apresenta a relação do Ser com esse mundo.

Os alunos escolheram cada qual lançar mão de uma linguagem (desenhos, fotos, maquetes e textos) para apresentar a sua experiência da travessia: “Da paisagem ao lugar André do Mato Dentro e seus arredores”. Juntos, mas cada um através da sua habilidade, conceberam, organizaram e expuseram o resultado na exposição que intitularam “Rota de fuga”, título escolhido como forma de se indignar pela situação dessas comunidades.

Figura 6 - Foto da exposição intitulada “Rota de fuga” concebida, organizada e apresentada pelos alunos como finalização da disciplina, em novembro de 2019, no IGC/UFMG



Fonte: arquivo pessoal, novembro de 2019

4. Pensando percursos futuros

Há várias formas de denunciar o descaso, a invisibilidade, e mostrar a indignação. A linguagem geográfica é uma delas e dentro da Geografia há vários caminhos. Escolhemos trabalhar aqui pela linguagem da arte, explorando a sensibilidade e as habilidades de cada Ser que experienciou a *realidade geográfica* de André do Mato Dentro e arredores. O lugar que mora dentro de cada um, externalizou-se a partir da experiência de uma paisagem que não lhe era cotidiana, mas o sentimento de indignação revelou a intersubjetividade da experiência e todos quiseram fazer de seus trabalhos uma denúncia. Por isso escolheram o título “Rota de fuga” para a exposição final, numa menção ao abandono dos moradores das comunidades a quem restou a única opção das “rotas de fuga” como registro de uma política de esvaziamento de seus territórios, desmantelamento dos seus “lugares de vida” e invisibilidade do Estado. Cada estudante a seu modo tentou expressar o sentimento que exalou daquele lugar nos dois dias que convivemos intensamente e de ouvidos e corpos abertos ao que se passava. Por meio da experiência da disciplina “Estudos da paisagem em Geografia”, fica aqui o registro e o grito dessas vozes caladas por sirenes, lama e descaso das autoridades pelas “rotas de fuga”, através do sentimento e da sensibilidade de estudantes que se revoltam

com a agressividade dessa *realidade geográfica*. Nessa experiência geográfica, utilizando da geopoética, vamos escavando a essência paisagem, para deixar revelar essas outras geografias que orbitam a Geografia do conhecimento.

Deixamos registrado que, até o fechamento deste artigo, a situação de Socorro e das outras comunidades e dos moradores de Barão de Cocais não foi resolvida, nem pela Vale, nem pelos órgãos de Estado.

Agradecimentos à PROEX/UFMG e ao IGC/UFMG.

Referências

ALVES, M. A. S.; DINIZ, A. M. A. O zoneamento morfológico funcional das cidades médias mineiras: o exemplo de Barão de Cocais. *Soc. nat.*, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 79-91, dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-45132008000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 maio 2020.

ANA – Agência Nacional das Águas. 45 barragens preocupam órgãos fiscalizadores, aponta Relatório de Segurança de Barragens elaborado pela ANA. Cadastro de Barragens. ANA, 19 nov. 2018. Disponível em: <https://www.ana.gov.br/noticias/45-barragens-preocupam-orgaos-fiscalizadores-aponta-relatorio-de-seguranca-de-barragens-elaborado-pela-ana>. Acesso em: 17 dez. 2019.

CENTRO CULTURAL MINAS TÊNIS CLUBE. Circuito de Museus – Ação da Secretaria de Educação de Belo Horizonte leva crianças aos espaços culturais do Minas Tênis Clube. *Centro Cultural MinasTC*, 2019. Disponível em: <http://centroculturalminastc.com.br/noticias/circuito-de-museus-acao-da-secretaria-de-educacao-de-belo-horizonte-leva-criancas-aos-espacos-culturais-do-minas-tenis-clube/>. Acesso em: set. 2019.

CENTRO de apoio operacional das promotorias de justiça de defesa do meio ambiente, patrimônio cultural, habitação e urbanismo. Ministério Público de Minas Gerais. Barragem Sul Superior PMG mantém atuação constante frente à instabilidade da Sul Superior da Mina Gongo Soco. *Boletim Meio Ambiente em Foco*. Belo Horizonte 13ffi edição. Abril, maio e junho de 2019 p. 8-16. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/07/MAF13.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

COELHO, T. P. Minério-dependência e alternativas em economias locais. *PoEMAS*, Versos, Textos para Discussão, v. 1, n. 3, p. 1-8, 2017. Disponível em: <http://www.ufjf.br/poemas/files/2017/04/Coelho-2017-Min%C3%A9rio-depend%C3%Aancia-e-alternativas-em-economias-locais-Versos.pdf>. Acesso em: 7 maio 2020.

DARDEL, E. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE PAULA, F. C. Sobre geo.poéticas e a condição corpo-Terra. *Revista Geograficidade*, [S.l.], p. 50-65, jan. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2015.50.a12928>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DEGRANDI, J. O.; SILVEIRA, R. L. L. da. Verticalidades e horizontalidades na função comercial da cidade de Santa Maria-RS. *Mercator*, Fortaleza, v. 12, n. 29, p. 39-50, nov. 2013. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/953>. Acesso em: 19 abr. 2020.

DIAS, J. B. A dimensão dos sistemas naturais na (re) produção dos sistemas agrícolas da agricultura familiar: análise da paisagem de três comunidades rurais na região metropolitana de Curitiba (em São José dos Pinhais, Mandirituba e Tijucas do Sul). 2006. 357 p. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2006.

GALDINO, R. “Refêns da lama” cobram moradia definitiva à Vale. *Jornal Hoje em Dia*. 19 out. 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/ref%C3%A9ns-da-lama-cobram-moradia-definitiva-%C3%A0-vale-1.750936>. Acesso em: 17 dez. 2019.

HAESBAERT, R. Desterritorialização à Multiterritorialidade. *Boletim Gaúcho de Geografia*, 29: 11-24, jan. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739>. Acesso em: 7 maio 2020.

JORNAL NACIONAL. Vale paralisa parte de obra para conter rejeitos em Barão de Cocais (MG). *Portal G1: Jornal Nacional*. 5 dez 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/12/05/vale-paralisa-parte-de-obra-para-conter-rejeitos-em-barao-de-cocais-mg.ghtml>. Acesso em: 17 dez. 2019.

LASCHEFSKI, K. Rompimento de barragens em Mariana e Brumadinho-MG: Desastres como meio de apropriação de territórios por mineradoras. ENANPEGE: Geografia Brasileira na ciência-mundo: produção, circulação e apropriação do conhecimento, 8., São Paulo. Anais... São Paulo: ENANPEGE, 2019. p. 13.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. *Revista Geosul*, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 7-26, jan. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2010v25n49p7>. Acesso em: 15 abr. 2020.

MARIANO, R.; DAMÁZIO, M. Risco de rompimento força fuga em nove comunidades mineiras. *Jornal Hoje em Dia*. 21 fev. 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/risco-de-rompimento-for%C3%A7a-fuga-em-nove-comunidades-mineiras-1.695423>. Acesso em: 17 dez. 2019.

MEINIG, D. W. O Olho que Observa: Dez Versões da Mesma Cena. *Revista Espaço e Cultura*, [S.l.], n. 13, p. 35, set. 2013. ISSN 2317-4161. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7424>. Acesso em: 18 abr. 2020.

OLIVEIRA, N. Minas já sofreu com outros rompimentos de barragens. *Jornal O Tempo*. 5 nov. 2015. Disponível em: www.otempo.com.br/cidades/minas-ja-sofreu-com-outros-rompimentos-de-barragens-1.1159501. Acesso em: 17 dez. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARÃO DE COCAIS. Secretaria de Turismo. Com fé e determinação, moradores do Socorro celebram... *Portal de turismo da Prefeitura Municipal de Barão de Cocais*. 20 ago. 2019. Disponível em: <http://turismo.baraodecocais.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/com-fe-e-determinacao-moradores-do-socorro-celebram/48386>. Acesso em: 17 dez. 2019.

ROJAS, C M O. Os conflitos ambientais na Serra do Gandarela na perspectiva das comunidades locais. 2014. 215 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

RONAN, G. Distritos de Barão de Cocais sentem impacto de obras em barragem. *Jornal Estado de Minas*. 3 jun. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/06/03/interna_gerais,1058759/distritos-de-barao-de-cocais-sentem-impacto-de-obras-em-barragem.shtml. Acesso em: 17 dez. 2019.

SUDRÉ, L. Ameaça de rompimento de barragem em Barão de Cocais (MG) aterroriza população. *Revista Brasil de Fato*. 17 maio 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/17/ameaca-de-rompimento-de-barragem-em-barao-de-cocais-mg-aterroiza-populacao/>. Acesso em: 17 dez. 2019.

SOUZA, D. Lama Invisível, a Expropriação de Territórios o Sofrimento dos Atingidos. *Revista do Projeto Manuelzão da UFMG*, Belo Horizonte, n. 85, p. 4-5, ago. 2019a. Disponível em: <https://manuelzao.ufmg.br/biblioteca/revista-manuelzao-85/> Acesso em: 17 dez. 2019.

SOUZA, D. Vale tudo? *Revista do Projeto Manuelzão da UFMG*, Belo Horizonte, n. 84, mar. 2019b. Disponível em: <https://manuelzao.ufmg.br/biblioteca/revista-manuelzao-84/> Acesso em: 17 dez. 2019.

VALE S.A. Brumadinho. *Vale S.A.* [s.d.]. Disponível em: <http://www.vale.com/esg/pt/Paginas/Brumadinho.aspx>. Acesso em: 15 ago. 2021.

VALE S.A. Vale apoia festa de Nossa Senhora Mãe Augusta de Socorro. *Vale S.A.* 16 ago. 2019. Disponível em: www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Paginas/vale-apoia-festa-de-nossa-senhora-mae-augusta-de-socorro.aspx. Acesso em: 17 dez. 2019.